REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.o á entrega
Portugal (franco de porte, (m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.° Anno — XXVI Volume — N.° 892

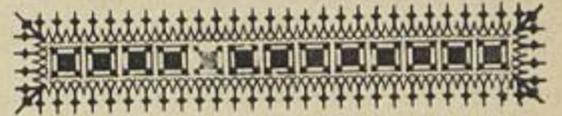
10 DE OUTUBRO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

D. CLAUDIA DE CAMPOS

AUCTORA de finissimos livros, da *Sphinge*, da *Mulher*, de *Rindo*, do *Ultimo amor*, estes dois ultimos esgotados, o que é seu melhor elogio, quem alguma vez não se sentiu encantado com o finissimo espirito da escriptora, tão delicadamente, porque feminina é a mão que dirige a penna, burilando o seu estylo, cravejando-o com as finas pedrarias da sua imaginação.

Que o seu nome, que o pseudonymo de que usou por modestia, foram desde ha muito acclamados e todos que, alguma vez o viram na capa d'um livro ou terminando um artigo, o guardaram na lembrança.

Publicando hoje o retrato d'esta illustre senhora, presta-lhe o OCCIDENTE o preito que lhe deve.

CHRONICA OCCIDENTAL

Chegámos ao mez de outubro, cujo nome sôa tão lugubremente. Vejam, só pelo som, se não deve ser muito mais triste do que abril, maio, agosto e todos os outros.

E' triste por si, é triste por este céo côr de cinza em que o sol só brilha a raros espaços, é triste sobretudo porque triste nos costumámos a consideral-o, em pequenos, porque era o fim das ferias.

E sympathias e antipathias, que em pequeninos se nos enraizaram cá dentro, tem vida até á nossa morte. E' que n'esse tempo não ha coisas indifferentes, e os affectos são extremos. Os rapazes, em geral, adoram a casa da familia e odeiam o latim, a rhetorica e a philosophia. Ferias em agosto, aulas em outubro! Quem ha de gostar de outubro?

O collegio, os corredores com luzinhas tetricas quando a gente se levanta de madrugada, os professores severos, os perfeitos com uns olhares prescrutadores, como tudo isso aborrece quando a gente vem da luz, da alegria, dos carinhos da familia!

Quem nos dera agora d'essas tristezas! Que mal empregadas foram as lagrimas choradas, e são as lagrimas dos pequeninos d'hoje!

Estão as ferias por um triz; já abriram os collegios, as escolas superiores vão abrir em breve, e só o lyceu se conservará fechado até proximo do fim do mez.

Uma noticia alegre para os rapazes foi a da visita de el-rei de Hespanha, D. Affonso XIII, que deve chegar, segundo se diz, entre meiados e fim de novembro. Nem elles gostam de ouvir razões ponderosas de homens prudentes que, pelo lado economico, acham que estas visitas prejudicam o equilibrio, tal qual um jantar de cerimonia as finanças d'um casalinho burguez. Os politicos consideram-as sob outro ponto de vista, falam do equilibrio europeu, da alliança dos thronos, da paz geral, e, com muita flor de rhetorica que bem precisava ser renovada, da nossa irmã Hespanha, que etc. Ora os rapazes, sobretudo os mais novos, estão sempre de acôrdo com elles.

O verão de S. Martinho nos proteja e deixe-se prolongar pelo mez de novembro fóra, como generosamente é seu costume.

Verá então D. Affonso XIII como formosa é a nossa terra á beira mar, e sentirá saudades ao voltar para Madrid e ao avistar as neves do Guadarama. O velho paiz que se chama Portugal, cujos reis tanta vez sonharam subir ao throno de Castella, e que, um dia triste da sua historia, se viu governado por um rei castelhano, esta pequenina tira de terra a oeste da peninsula, ha de requerer ao sol, que tanto o ama, que brilhe com mais intensidade n'esses dias, e ao céo que se tinja de azul e ao Tejo que imite o céo.

E' o mais formoso brinde que podemos offerecer a Sua Majestade Catholica, com a vantagem de nos sahir baratissimo.

Tanto isto é mais para desejar quanto é certo que o tempo vae correndo melancholico, ainda quente, mas pouco luminoso.

Chuva não tem cahido, mas não tardará talvez. Pode vir á vontade, que será bem recebida.

já nenhum damno causando aos viticultores, que todos vindimaram as vinhas.

Os raros habitantes de Lisboa tambem não se queixariam, que todos, mais ou menos, estão desejosos da chegada do inverno. Já d'elle tiveram aviso com o pregão das primeiras castanhas:— «Quentes e boas!» Novos arautos vão chegar annunciando o final d'uma estação e o principio de outra, em que essas ruas se animem e a gente veja finalmente na Avenida uma meia duzia de caras bonitas com as modas novas do inverno.

Por emquanto tudo continua desanimado e silencioso. O circo apenas tem feito uma honrosissima excepção á monotonia geral, tendo visto muito applaudidos o homem do velocipede e a mulher das focas.

Que mais nos reserva o inverno ainda se não sabe ao certo, e pouco por emquanto se fala n'isso. A sociedade que se diverte, aliás em muita coisa parecida com a sociedade onde a gente se aborrece, ainda anda toda por fóra e noticias de bailes e festas só de lá nos vem, ou de muito longe, ou aqui de muito perto, de Cascaes, onde é assumpto de conversação o baile na cidadella.

Ainda dias lindos haverá por toda essa ribamar, dias de sol meiguissimo a scintillar no Oceano, muito manso, e razões ha para que por lá se demorem os que teem a dita de não se verem condemnados á penitenciaria d'esta Lisboa.

Annunciado desde ha muito, realisar-se-ha brevemente na grande sala do risco do Arsenal, o jantar offerecido ao sr. Presidente do Conselho, pelos seus amigos politicos. Deverá ser uma festa alegre, que entre elles muitos haverá a que o epitheto de *politicos* se poderia dispensar.

E pouco mais, quanto a politica, se tem agora falado. Até ella esmoreceu com o calor, com a semsaboria. O jantar esse sim, tem sido thema para *sueltos* e varios artigos humoristicos; mas diz o Ferrari que isso lhe não transtorna os molhos. Os outros que hão de comel-os nos varios guisados, dirão depois se lhes fez mal aos estomagos.

Ora claro está que, se um simples jantar é tão commentado, a náu do estado não andou este mez no mar tempestuoso em que se viu a lendaria Cathrineta.

Se de politica se falou pouco, nem por isso em coisas d'arte mais se falou, a não ser na proxima inauguração do monumento a Eça de Queiroz, nova obra prima de Teixeira Lopes, que tão amorosamente foi levado a bom fim pela amorosa saudade do Conde de Arnoso.

De theatros pouco ou nada mais se soube n'estes ultimos dez dias. As emprezas de D. Maria e D. Amelia puzeram cartazes annunciando assignaturas e certo numero de peças novas, e nos jornaes fizeram moderados reclamos, reservando surprezas para a ultima hora.

E' certa a vinda do velho Coquelin e poderemos ver, o que a muitos excita á curiosidade, uma representação completa do *Cyrano de Bergerac.*

Ha dias, esteve no Tejo o actor Antoine, de volta do seu giro pela America do Sul, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres. Cartas d'elle, de que o *Figaro* deu noticia e certas entrevistas em Lisboa foram muito commentadas e não augmentaram no Rio de Janeiro as poucas sympathias que o celebre actor francez lá deixou. Indiscripções jornalisticas são ás vezes o diabo para os artistas, sobretudo quando o reporter augmenta seu ponto ao conto, por conveniencia de venda. Que o digam Brazão, Augusto Mello e os dois Rosas.

Antoine, n'uma ultima carta que publicou, cremos que poz tudo nos devidos termos, declarando sem fundamento accusações que lhe faziam e confessando que o exito das suas representações fôra grande em Buenos Ayres, apenas honroso em Montevideu e mediocre no Brazil.

Já se vê que Lisboa, á falta de melhor, deu toda a attenção a este assumpto, commentando-o, conforme suas sympathias e mais uma vez relembrando o encantador talento de Susanna Desprez.

Que mais havia de fazer Lisboa? Se até, coitada, em ancias d'alguma novidade, quiz descobrir um crime onde apenas havia uma simples historia de bruxedos!

De bruxedos, sim, senhor.

O nome sôa extranhamente em 1903; mas ainda ha d'isso na Calçada do Garcia e quem pôz cobro á desvergonha do diabo e dos espiritos foi uma bruxa do Campo de Sant'Anna, que lá benzeu aquillo tudo, segundo o ritual antigo.

Elle eram pancadas alta noite n'um quarto deshabitado, elle era um cheiro pessimo em toda a casa, elle era os homens e mulheres que lá moravam amarellos como cidras, elle era Belzebuth ás cabriolas, elle era finalmente o que em Portugal nunca mais se vira desde os tempos da Inquisição.

Os espiritistas haveriam tido agora uma linda occasião para concludentes experiencias, se não fosse o desastre que se deu de ter o espiritismo passado campletamente de moda. Pena foi que isto não succedesse, ha coisa d'uns vinte e tantos annos, quando toda a gente de Lisboa se entretinha a fazer girar as mezas de pé de gallo eferviam por ahi medium escreventes e videntes.

Os espiritos parecem-se com aquelles policias da peça *Les brigands*, que chegavam sempre muito tarde. O atraso agora foi de vinte e tantos annos. Elles dirão talvez: —«Mas que é isso, comparado com a eternidade?»

E, como elles são espiritos, são naturalmente quem tem razão.

João da Camara.

CASA SOLAR DE AZEVEDO

(Concluido do n.º 888)

— *Pedro Lopes de Azevedo*, XXIV senhor de Azevêdo, do morgado do Souto, Semelhe, Caldezes, Pouve e dos Coutos de Mazarefes, Paradella e Crasto, e padroeiro das egrejas de Santa Maria de Gallegos (Barcellos), S. Salvador de Cristello (idem), S. Nicolau de Mazarefes (Vianna) e S. João da Ribeira (Ponte de Lima).

Foi moço fidalgo da Casa Real por alvará de 24 de maio de 1719.

Na guerra com a Espanha em 1762 foi nomeado capitão de granadeiros por decreto de 11 de agosto d'esse anno. Terminada a guerra foi nomeado mestre do campo do terço auxiliar de Coura, por decreto de 23 de julho de 1764; e depois do da Barca, por decreto de 15 de julho de 1767. — Falleceu sem successão e por isso passou a casa a seu irmão:

— *Fradique Lopes de Azevedo*, XXV senhor de Azevêdo e de toda a casa de seus antepassados. Falleceu sem successão, pertencendo a casa ao irmão mais novo:

— *João Lopes de Azevedo Pinheiro Pereira*, XXVI senhor de Azevêdo e de todos os mais bens, moço fidalgo por alvará de 27 de maio de 1768. Succedeu-lhe seu filho:

— *João Lopes de Azevedo*, XXVII senhor de Azevêdo, dos Coutos de Mazarefes e Paradella, dos morgados de Souto, Semelhe, Pouve, e padroeiro das referidas egrejas, moço fidalgo por alvará de 11 de setembro de 1801. Foi capitão do regimento de infantaria de Vianna e ajudante de ordens de seu sogro, o general Gonçalo Pereira de Caldas, governador das armas do Minho. Casou com uma filha d'este, D. Francisca Ignacia, tendo um filho por nome João, que se segue:

— *João Lopes de Azevedo*, que falleceu de 5 annos de idade, tendo succedido, porém, no senhorio de Azevêdo, etc., de que foi XXVIII senhor. Assim, passou a casa de Azevêdo para sua tia, irmã de seu pae, D. Maria Emilia, que se segue:

— *D. Maria Emilia Lopes de Azevedo Pinheiro Pereira e Sá*, que foi XXIX senhora de Azevêdo e de todas as mais casas annexas. Casou com Antonio Martinho Velho da Fonseca de Barboza e Castro, filho primogenito de Francisco Velho da Fonseca de Barboza, fidalgo cavalleiro da Casa Real (D. José I), 16.º senhor de Moura e Paço de Marrancos (Villa-Verde), e de sua mulher e prima D. Maria Arriscado de Lacerda, filha de João Leite Arriscado de Lacerda e de D. Luiza Ventura de Souza de Menezes, da casa de Campos de Lima.

Antonio Martinho Velho da Fonseca foi o 17.º senhor de Marrancos, fidalgo cavalleiro da Casa d'el-rei D. João VI, sendo principe regente, por alvará de 12 de maio de 1797, tenente coronel commandante do regimento de Milicias de Barcellos no tempo da Guerra Peninsular, condecorado com a cruz n.º 2 das campanhas da dita guerra e, pelo seu casamento, senhor de toda a casa de sua mulher. D'este consorcio nasceu

— O ultimo morgado *Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca de Barboza Pinheiro Pereira e Sá Coelho*, 1.º visconde de Azevêdo por carta regia de 9 de setembro de 1846, 1.º conde de Azevêdo por carta regia de 5 de dezembro de 1876, XXIX senhor da Honra, Couto, Casa-Solar e Torre de Azevêdo, 21.º senhor do Souto de Riba Homem, 18.º senhor do Paço e Honra de Marrancos, 15.º senhor dos Coutos de Mazarefes e Paradella, 13.º senhor do morgado de Pouve e Casa-Solar dos Pinheiros (Barcellos), moço fidalgo da Casa Real (alvará de D. João VI de 10 de março de 1823), governador civil de Braga em 1846 durante a revolta conhecida por *Maria da Fonte*, deputado da nação em 1851 e 1852, associado provincial da Academia Real das Sciencias de Lisboa, litterato insigne e erudito escriptor e polemista, nasceu em 21 de fevereiro de 1809 e falleceu em 25 de dezembro de 1876, tendo casado em 1827 com a condessa D. Maria José Carneiro da Gram Magriço, descendente do celebrado capitão dos Doze de Inglaterra, Alvaro Gonçalves Coutinho, senhora dos morgados dos Carneiros de Ballazar e do Porto, e da casa da Espinheira em Villa do Conde, filha de José Carneiro da Gram Magriço, e de sua mulher D. Francisca Henriqueta Coelho Falcão Sottomayor. Não teve successão.

Possuiu uma das mais preciosas bibliothecas particulares do paiz, que, por disposição testamentaria, deixou a seu primo o actual conde de Samodães, excepto valiosos manuscriptos legados á Bibliotheca Publica do Porto.

As suas *obras* principaes são:

Amor e receio, conto em verso, publicado na «Revista Litteraria do Porto».

O castello de Lanhoso, chronica do tempo de D. Sancho II.

Ode á morte do visconde de Almeida Garrett, publicada em todos os jornaes do Porto em dezembro de 1854.

Estudo dos romances «Arco de Sant'Anna» e «Eurico» de Garrett e Herculano, publicado na «Revista Universal Lisbonense.»

Distracções metricas, livro de poesias.

Discursos e varios artigos de polemica.

Continuou a *Traducção do D. Quixote de la Mancha*, (edição monumental) começada pelo visconde de Castilho e que Pinheiro Chagas concluiu.

— Como não teve successão, o conde de Azevêdo deixou, por testamento, a representação da antiquissima Casa de Azevêdo a sua sobrinha D. Maria Candida de Azevêdo Falcão Cotta Pereira de Bourbon e Menezes de Barboza, filha de sua irmã D. Maria José do Livramento de Azevêdo Velho da Fonseca, casada com Estevão Falcão Cotta de Bourbon e Menezes, fidalgo da Casa Real, senhor da Torre de Real e casa dos Falcões de Braga. Casou D. Maria Candida com Francisco Barboza do Couto Cunha Sottomayor, fidalgo da Casa Real, senhor da Casa da Fontinha, em Estarreja, e da das Travessas em Braga, e, pelo seu casamento, XXX senhor da Casa-solar de Azevêdo e 16.º senhor da de Mazarefes e Paradella, além da casa da Espinheira e toda a casa da condessa de Azevêdo, que deixou por herdeira a mesma sobrinha de seu marido D. Maria Candida, deputado ás côrtes em seis legislaturas pelo circulo de Estarreja e circulo plurinominal de Aveiro, tendo sido presidente da camara em diversos triennios em Estarreja.

Além de algumas senhoras, tem d'este consorcio um filho varão, em quem se continúa a representação da Casa de Azevêdo, o dr. Pedro de Barboza F. de Azevedo e Bourbon (Azevêdo), bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra em 1897, e, pelo seu casamento, 13.º senhor da Casa do Hospital (de que foi 10.º senhor seu avô o 1.º barão do Hospital Joaquim de Queiroz Machado e Vasconcellos), 7.º senhor da Casa dos Machados em Carapeços (Barcellos), 7.º senhor da Casa de Calvellos em Fafe, das Casas de Entreasvinhas, Sem e Lordellinho em Felgueiras, 9.º senhor da Casa da Praça em Villa do Conde, que comprehende differentes bens de vinculos antigos, etc., etc.

Casou o dr. Pedro de Azevêdo com D. Maria da Purificação de Queiroz de Vasconcellos Carneiro Pereira Coutinho de Vilhena (Hospital), filha unica e herdeira de Antonio Carneiro de Sá Pereira Coutinho de Vilhena, fidalgo da Casa Real, e de D. Maria do Carmo de Queiroz Machado Vasconcellos (Hospital), filha do 1.º barão do Hospital.

D'este consorcio existem até hoje os filhos seguintes:

D. Maria do Carmo Candida Hermezenda, que nasceu em 18 de agosto de 1898;

D. Maria da Gloria, nascida em 25 de setembro de 1900;

Francisco José Maria, nascido em 8 de abril de 1902.

*

Orgulha-se esta familia de Azevêdo de a ella pertencerem:

S. Theotonio, 1.º Prior de Santa Cruz de Coimbra, 3.º neto por varonia de D. Arnaldo de Bayam, contemporaneo de D. Affonso Henriques; e o Beato Ignacio de Azevêdo, da Companhia de Jesus, (3.º neto de D. Lopo Dias de Azevedo, XIV senhor de Azevêdo), fundador do Collegio de S. Paulo, em Braga, morto pelos calvinistas de Jacques Souric de la Rochelle, vice-almirante da

rainha de Navarra, com 39 companheiros, quando iam prégar o Evangelho para o Brazil. Foi beatificado por Pio V no seculo XVIII. Esta tragedia succedeu no dia 15 de julho de 1570 (Vêr Diccion. Popul. *verb. Azevedo*, pag. 432; *Memorias de Braga*, por Senna Freitas, II vol. pag. 78, e Diccion. Larousse, *verb. Azevedo*, pag. 1108-1108.)

Tem a Casa de Azevedo as mais illustres allianças com a nobreza *vieille roche* do reino:

Frojaz de Trastamara, Correias (de Farellães), Vasconcellos (da Torre do mesmo nome), Cunhas (de Taboa) Coelhos (succedendo no senhorio de D. João Soares Coelho, dado por D. Affonso III em 5 de março de 1292), Sylvas (de Vagos), Souzas Magalhaes (da Ponte da Barca), Pereiras (de Mazarefes), Pinheiros (de Barcellos), Alcoforados (da Casa da Sylva e Villa Pouca), Souzas Alvins (de Bordonhos e Santar), Barbozas Fonsecas (de Marrancos), Falcões Cottas Bourbons e Menezes (de Braga), Barbozas (dos antigos senhores de Aboim), Barbozas (dos capitães-móres de Ovar), Cunhas Perestrellos (do «Paço de Sub-Ripas,» de Coimbra), Queirozes e Pereiras (da Casa do Hospital», em Monção), Carneiros Gajos (das Casas da Praça, Senra, e S. Sebastião de Villa do Conde), Pereiras Coutinhos (de Penedono) etc., etc.

*

Descendem da Casa de Azevêdo as primeiras familias de Portugal e algumas casas nobres de Hespanha.

Em Portugal são ramos d'ella:

Os Azevêdos da Tapada e S. João de Rey;

Os senhores da Honra de Barboza, em Penafiel;

Os srs. condes de Rezende, herdando até por esta linha o titulo, hoje honorifico, de almirantes do Reino;

Os srs. condes da Louzan, por descenderem de D. Lopo de Azevêdo, filho de D. Lopo Dias de Azevêdo, senhor da Ponte de Sôr;

Os srs. da Quinta de Azevêdo, em Paredes;

Os srs. condes de S. Miguel;

Os srs. marquezes de Abrantes;

Os Castros de Melgaço e Villa Nova de Cerveira;

Os srs. condes do Covo, de Oliveira de Azemeis;

Os srs. da Trofa, hoje marquezes de Sub-serra da Bemposta, etc.

Os srs. condes de Athouguia;

Os srs. de Simães e os Peixotos, senhores de Penafiel;

Os srs. condes de Carcavellos, etc.

Além d'isto o sangue de Azevêdo está em quasi todas as casas nobres do Minho e Douro.

Em Hespanha existem os seguintes ramos:

Marquezes del Caspio, condes de Monterrey, de Fuentes e de Galves, duques de Montoro e Olivares, condes de Trastamara (Vêr *Nobil de Haro*, Tom. 2.º Livro IX, cap. VIII), e duques de Prestana e de Medina Sidonia (Vêr D. Luiz de Salazar e Castro, *Hist. da Casa de Sylva.*)

A. de Sottomayor.

O «LO PING THE LOOP»

Estreiou-se no sabbado passado 3 de Outubro, a explendida companhia gimnastica, acrobatica, comica, mimica e musical que Antonio Santos annualmente organisa para explorar durante a estação invernosa, a vasta sala de espectaculos que se denomina *Colyseu dos Recreios.*

D'entre os numeros mais sensacionaes citaremos o de *Looping the loop*, de que passamos a occupar-nos.

O *Looping the loop* não é mais do que um principio de physica, bastante conhecido, posto em pratica por Mr. Nelson.

Perante o trabalho de Nelson todos ficam assombrados, maravilhados, embora seja um exercicio ao alcance de todo aquelle que possua, para isso, um pouco de sangue frio. Em não havendo receio pode-se tambem ter á certeza, de que não ha o menor perigo de cahir, desde que a velocidade do movel seja constante á que anteriormente foi adquirida, no momento em que este se achar em posição egual á do equilibrio instavel.

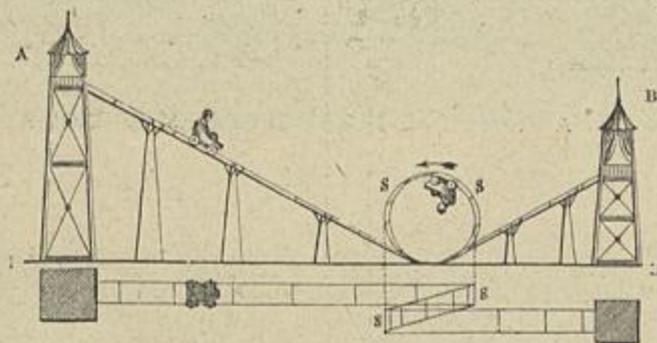
Um individuo sobe um rampa com uma certa velocidade, attingindo um ponto em que tem de percorrer, por alguns segundos uma volta circular de modo que fique com a cabeça voltada para o solo.

A muitos parecerá este facto um impossivel, no emtanto, essa volta consegue-se sem a maior difficuldade, e com pasmo de todos os que ignoram a existencia da força centrifuga.

O que é a força centrifuga?

A força centrifuga é um principio de physica, pelo qual os corpos animados de uma certa velocidade, tendem a dirigir-se para o centro do movimento, quando descrevem uma curva maior ou menor.

Por esse motivo, quando imprimimos um rapido movimento de rotação a um copo d'agua preso a um cordel, a agua não cahe, mesmo na posição inversa á do equilibrio estavel. Egual motivo explica o facto dos comboios ou tramways inclinarem-se para o centro do movimento ao descreverem uma curva, e finalmente o phenomeno repete-se na experiencia que Nelson faz todas as noites, no Colyseu dos Recreios, onde é recebido com ruidosos applausos, findo o seu trabalho.

Como se vê da gravura, um carro partindo do ponto A em plano inclinado e sem se desviar da mesma linha adquire tal velocidade que o faz percorrer a espiral SS e é ainda essa velocidade que o faz subir ao ponto B. Quando o carro passa em SS a sua posição está invertida, isto é, está virado de cima para baixo, mas a força centrifuga devida ao movimento curvilineo actuando do centro para fóra, actua agora de baixo para cima e equilibra o peso do carro. E' esta experiencia que mr. Nelson faz em bicycletta.

Poderá, no emtanto, considerar-se como banal o exercicio que todas as noites se effectua no nosso circo?

Não, certamente, e, pelo contrario, poderemos dizer sem receio de sermos contraditos, de que o seu trabalho é digno de registo pelo arrojo d'esse artista, estando nós certos de que continuará a merecer os applausos geraes do nosso publico, da mesma fórma como succedeu na epoca passada, nos circos de Londres e no Hyppodromo de Paris, onde constituiu a *great attraction* da epoca.

E' por isso, que todas as noites se enche o Colyseu dos Recreios, demonstrando assim, o publico, o apreço que tem pelo emprezario d'esta sala de espectaculos, sem duvida, dos mais competentes que temos entre nós para estar á testa de uma empreza.

Antonio A. O. Machado

A Republica Argentina e a exposição portugueza em Buenos-Ayres

Deve estar na lembrança dos contemporaneos a grande crise economica porque passou a Republica Argentina, ha pouco mais de dez annos, devida ao excessivo desenvolvimento material dos melhoramentos publicos para o que recorreu desmedidamente ao credito.

N'esses melhoramentos, porém, pode-se enumerar, além do desenvolvimento de 12:000 kilometros de vias ferreas, da construcção de sumptuosos edificios publicos com que se enriqueceu e embellezou a capital, a creação de 3:100 escolas gratuitas para os seus quatro milhões de habitantes, 15 escolas superiores, 2 universidades, 34 escolas normaes e 3 observatorios astronomicos.

Certamente a instrucção publica foi a que absorveu maiores quantias, mas o juro d'esse capital foi compensador. A Republica Argentina, assolada pela crise economica a que se seguiu a revolução de 1890, poude triumphar do cataclismo, restaurando as suas finanças, porque a instrucção lhe abriu as portas da riqueza, dando a conhecer ao povo argentino o valor das suas proprias forças, o aproveitamento do solo, pois que na terra estão todos os thesouros, se os soubermos procurar e utilisar.

Poucos annos bastaram para que aquelle Estado se tornasse florescente, proseguindo na senda do progresso, tendo sempre em vista o desenvolvimento da instrucção e educação publica.

E' assim que o povo da florescente Republica, commemorou em julho proximo passado a revolução de 1890, com um cortejo civico de mais de dez mil pessoas, em que se encorporaram todos os institutos e associações, para ir depôr corôas no monumento tumular das victimas da revolução, ante o qual foram pronunciados discursos, exaltando o valor dos que pela patria se sacrificaram, e avivando no espirito do povo o amor civico, como o seu primeiro dever.

Foi por occasião d'este anniversario que se inaugurou na capital da Republica Argentina uma exposição de productos portuguezes, promovida pelo consul de Portugal em La Plata, sr. Eduardo Borges de Castro.

As industrias e o commercio do nosso paiz, tão retrahidos em mandarem os seus productos a estes certamens, parece que d'esta vez abriram uma excepção em honra do promotor, pois segundo varios jornaes e revistas, que nos dão noticia da exposição portugueza em Buenos Ayres, vê-se que não só n'ella se encontra bem representada a industria vinicola, mas tambem outros productos como conservas, licores, manufacturas diversas, instrumentos de musica e muitos artigos interessantes para os nossos viticultores.

Duas revistas, sobretudo, se occupam d'esta exposição, dispensando-lhe palavras de louvor e tecendo justos encomios ao seu iniciador sr. Eduardo Borges de Castro, que na fórma como viu correspondidos os seus esforços teve a justa compensação d'elles.

As revistas são *La Nacion* e *El Commercia*, ambas publicadas em Buenos Ayres.

D'esta ultima recortamos alguns periodos para dar, não só uma ideia perfeita da importancia que se deu a esta exposição, como por nos ser grato registrar uma apreciação de extranhos que deveras honra o nosso illustre consul n'aquella republica.

«A exposição de productos da industria portugueza, é sem contestação uma relevante prova da grande importancia adquirida pela nação portugueza no ramo industrial, e uma manifestação evidente de que os portuguezes procuram alargar a esphera da sua acção individual na factura de productos uteis e naturaes do solo do seu paiz.

«O soberbo quadro que examinamos n'este vasto recinto é surprehendente, composto todo elle de numerosissimas estantes e *vitrines*, cheias de multiples especies de productos da terra, aperfeiçoados pela intelligencia e acção do homem para applical-os ás necessidades inadiaveis da vida. Contém, alem d'isso, para os visitantes de origem portugueza o poder de transportal-os espiritualmente ás extensas colinas e aos vastos prados da sua patria, e avivar-lhes todas as reminiscencias dos primeiros annos da sua vida.

«São incontestaveis os beneficios que esta exposição pode prestar ao paiz que a originou e aos seus industriaes, principalmente, se se poder obter collocação no nosso mercado e abrir-lhe permanente venda.

«D'esta fórma os commerciantes e consumidores podem adquirir os productos que mais se adaptem a seu gosto e convenham aos seus interesses, sem receio de adquirirem para os seus estabelecimentos ou suas casas mercadorias de procedencia e manufactura duvidosas.

«Esta exposição, assim como a dos productos da industria nacional, começada e aberta ao publico ha poucos mezes n'esta capital, tem um principio de summa economia para os industriaes e é, ao mesmo tempo d'um poderoso ensinamento de objectivismo material para as classes populares, pelo muito que as interessa e pelo que pode estimular e illustrar o seu espirito.»

O registro, como vemos, não póde ser mais honroso, e tão pouco habituados estamos a andar assim tratados pela imprensa estrangeira, que a excepção não pode deixar de ser lisongeira para nós e para o nosso digno consul em La Plata sr. Eduardo Borges de Castro, a quem cabe toda a gloria d'este brilhante resultado.

R.

A EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA EM BUENOS-AYRES

PALACIO DO GOVERNO EM BUENOS-AYRES

BUENOS-AYRES

CONTRA AS SEZÕES

A Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa acaba de publicar e fazer distribuir profusamente pelo paiz um folheto de 29 paginas contendo instrucções populares para a prophilaxia do impaludismo. Diz n'essas instrucções que as sezões ou maleitas que os nossos lavradores, infelizmente, bem conhecem, assim como as mal afamadas febres d'Africa que são o terror dos nossos colonos, teem a sua origem n'um pequeno parasita que se desenvolve no sangue em quantidade assombrosa.

No sangue de cada individuo atacado contam-se milhões d'esses parasitas e é o seu desenvolvimento que produz a febre e por isso a quinina, que os mata, é um dos melhores remedios para a cura das doenças expostas e que, em geral, se chamam impaludismo.

Este parasita é introduzido no sangue pela picada de uma certa casta de mosquitos que se encontram em todos os logares sezonaticos.

E' no corpo d'estes mosquitos que se cognominam Anopheles que o parasita se desenvolve em maior intensidade.

Pousando na pelle de um doente com sezões o Anopheles suga-lhe o sangue e com elle muitos parasitas, que vão continuar a viver e a afilhar no estomago do animal, espalhando-se depois pelo corpo até á tromba, com que o insecto, ao morder outros individuos, vae semeando n'elles a causa das sezões.

Depois de relatar as experiencias que se fizeram para chegar a obter á evidencia de que eram os Anopheles os transmissores do impaludismo, trata-se no trabalho que estamos extractando, de conhecer essa especie damninha para se destruir e evitar ser mordido por elles.

Dos ovos, que todos os mosquitos põem nas aguas, nascem uns pequeninos animaes que se encontram nas represadas ou de muito fraca corrente, similhantes a pequeninas cobras (fig. 1 e 2), de movimentos muito rapidos em zig-zag e que chegados ao seu completo desenvolvimento, deixam cair de dentro da pelle, que fica boiando vazia, o mosquito tal como o conhecemos. D'estes pequeninos animaes d'onde proveem os mosquitos, uns collocam-se quando estão parados como dependurados pela cauda, que tem duas pontas, da superficie da agua (fig. 1), outros em que a

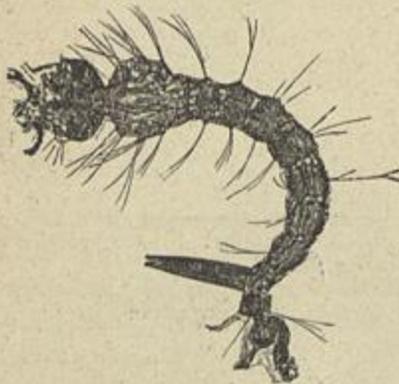



Fig. 1

cauda não é bifurcada, descançam deitados á superficie (fig. 2).

Fig. 2

São estes mais communs nas aguas de fraca corrente e abundante vegetação, como as dos arrozaes, e são os que produzem a casta dos Anopheles. Estes (fig. 3), mais delgados, de pernas

Fig. 3

mais longas, de tamanho medio, distinguem-se dos outros mosquitos ainda por um certo numero de signaes de difficil nota para os que não são dados a estes estudos e quasi sempre por dois outros que se podem com facilidade perceber:

1.º As azas dos Anopheles teem pequenas pontuações negras (fig. 4), conhecendo-se apenas uma

Fig. 4

especie de mosquitos do nosso paiz, que tem as azas pontuadas e não são Anopheles, mas d'elles se distinguem bem pelo seu maior tamanho.

2.º O modo de poisar é diverso nos Anopheles do dos outros mosquitos. Os Anopheles pousam com a cauda levantada e a tromba dirigida para o objecto em que estão pousados (fig. 5). Os ou-

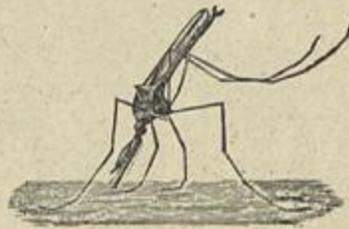



Fig. 5

tros mosquitos pousam conservando o corpo não inclinado, (fig. 6).

Fig. 6

Assim se distinguem os mosquitos perniciosos dos inofensivos, tanto pelo seu maior tamanho como pelas azas (fig. 7 e 8).

Fig. 7

Fig. 8

Para a sua destruição variam os meios conhecidos conforme a epoca do seu desenvolvimento.

Na primeira edade, como vivem n'agua deve evitar-se na proximidade das casas todos os charcos, poças ou reservatorios, em que se possam desenvolver.

Nos casos em que não é possivel por meio de limpezas, aberturas de vallas, canalisações, cultivo de plantas proprias, como os eucalyptos que tem dado bons resultados, devem-se fazer desapparecer os charcos ou reservatorios d'agua habitados pelos mosquitos ou matar esses animaes mesmo dentro da agua.

Para obter esse resultado basta agitar a superficie da agua dos charcos ou tanques com um panno embebido em petroleo, ou quando as suas dimensões são maiores deitar n'elles 10 centimetros cubicos por metro quadrado, devendo-se substituir este systhema por pó de flores de chrysanthemos ou margaça, 6 miligrammas por litro, nos tanques e cisternas onde bebe o gado, ou pelo gallol e larvicida, 7 miligrammas por dez litros.

E' assim que na cidade de Havana conseguem os americanos fazer desapparecer a febre amarella, que tambem é transmittida por mosquitos, e os inglezes transformaram a Serra Leôa, d'antes extremamente sezonatica n'uma cidade mais salubre.

Quando o mosquito se tornar um insecto voador e estiver na idade adulta, para o afugentar, usa-se da luz intensa e nos logares sezonaticos é conveniente recolher ao começar do crepusculo e não sahir antes do dia claro.

As janellas das casas devem ser protegidas por meio de rede fina de arame, de 1mm,5 de malha o maximo, e as entradas com duplas portas da mesma rede, evitando-se assim a penetração dos mosquitos.

O uso dos mosquiteiros nas camas é tambem dos mais recommendaveis, devendo ser feitos de modo a impedir a entrada de qualquer mosquito sem tirarem o facil accesso do ar e da luz.

Devem preferir-se os mosquiteiros rectangulares e dispostos de modo a poderem introduzir-se as barras por debaixo do colchão, tendo o tecido até uma certa altura uma barra mais espessa, afim de impedir que o Anopheles possa morder atravez do tecido em qualquer ponto do corpo que durante o somno a elle se encoste.

Deve-se observar a construcção de casas em logares altos, ter creanças prétas afastadas das habitações, em cujo sangue os Anopheles se vão facilmente infectar, o corte de hervas altas do terreno que rodeia as habitações, etc.

Offerece tambem seguro resultado o uso dos saes de quinina, tomados com o fim de tornar o organismo resistente aos parasitas das sezões.

O melhor modo de usar os saes de quinina para evitar os inconvenientes que originam, é toma-l-o de mistura com outros medicamentos nas seguintes proporções:

Bichlorhydrato de quinina.....	10 centigr.
Citrato de ferro..	3 »
Acido arsenioso	1 milligr.
Extractos amargos..........	15 centigr.
Para uma pilula.	

As pilulas devem ser feitas separadamente afim de evitar que contenham um pouco mais de acido arsenioso o que produziria violentas dôres de estomago a quem as ingerisse.

Os adultos devem tomar duas pilulas por dia, uma de manhã e outra de tarde.

Nas creanças estas pilulas devem ser substituidas pelo remedio em liquido e mais fraco.

Bichlorhydrato de quinina..	1 gram.
Acido arsenioso.......... ..	8 decimilgr.
Citrato de ferro..	125 milligr.
Extractos amargos..........	625 milligr.
Xarope de café............	100 gram.

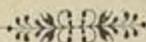
As creanças de 1 a 7 mezes devem tomar uma colher de chá por dia; de 7 mezes a um anno, colher e meia; de 1 a 2 annos, 2 colheres de chá por dia, uma de manhã e outra á noite.

O emprego d'estas duas receitas tem dado os mais brilhantes resultados, podendo ser usadas não só para prevenir as sezões mas tambem para as curar. N'este caso, a dose para adultos é de 6 pilulas por dia; para doentes de 7 a 14 annos 4 pilulas; e só 2 para aquelles de 3 a 6 annos.

Para creanças mais novas emprega-se o remedio liquido. Duas colheres de chá por dia até aos 7 mezes, quatro até 1 anno, cinco a seis até 3 annos.

Lembra a sociedade das Sciencias Medicas a vantagem dos municipios e sociedades de beneficencia, a exemplo do que se faz na Italia e n'alguns pontos do nosso paiz, fornecerem gratuitamente aos pobres os saes de quinina indispensaveis para o seu tratamento e protecção, bem como a conveniencia dos individuos atacados de impaludismo serem tratados em casas protegidas por meio de redes ou leitos cobertos por mosquiteiros, de modo que os Anopheles não possam ir a elles buscar os parasitas para semearem novas infecções.

Devem tambem, os que vivem em logares se-

zonaticos, dar a maior attenção á hygiene do seu viver, e fazer uso de uma boa agua de bebida, filtrando-a ou fervendo-a, pois o uso de uma agua má pode ser causa de perturbar e enfraquecer as diversas funcções do organismo.

C'EST FINIE

(DE UM LIVRO NO PRELO)

Tão mirada, linda flôr,
Já sem odôr, desbotada!...
Vae-se-me no teu pendôr
A vida triste, alquebrada!

São-me as pet'las resequidas
Doces illusões perdidas!...

—

Desfolho-te... Vae, flôr grata
— E a minha alma presa a ti!...
Vae... Vae, á mulher ingrata:
Diz-lhe que tambem morri!...

Leve-te a ligeira brisa
Que tão de manso deslisa!...

*

DORMIR, SONHAR!...

(A uma virgem)

—

Virgem de olhos verde-mar,
Alva de cabellos de oiro...
Virgem que me faz scismar
N'algum occulto thesoiro,

Onde talvez Deus recolhe,
Qual torvo e senil avaro,
O que lhe seja mui caro...
O bello que ao barro colhe!...

Virgem que tão doce actua...
De reflexos do arrebol!
Virgem nascida da Lua
E d'esse brilhante sol!...

Deixa-me, anjo repousar
A minha mente cançada
No teu regaço de fada...
Deixa-me dormir, sonhar!...

M. Mendonça d'Oliveira.

O SEGREDO DE CLOTILDE

(*Continuado do n.º 891*)

IX

— Para a meza, disse Clotilde entrando na sala.

— Para a meza, repetiram todos, como que impellidos pelo mesmo pensamento: cuidar do estomago, que reclamava.

O general veio offerecer o braço á D. Eugenia, ainda que antes o quizera offerecer á D. Jeronyma, mas esta já se levantára e sahira por outra porta, quando o velho militar voltou. O Pires conduziu a esposa do general e Alfredo teve que dar o braço á sogra para o não dar a sua mulher, o que seria menos delicado, n'aquella occasião.

Custou-lhe, mas não teve outro remedio que vêr Clotilde pelo braço do primo, ainda que o capello de doutor o tornava o mais qualificado dos cavalheiros presentes.

Não se tratava porém d'isso, mas dos maus olhos com que Alfredo o via, parecendo tudo concorrer para augmentar a inquietação e duvidas que, desde a vespera, lhe torturavam o espirito.

Assim, mais acirrado lhe cresceu o ciume quando viu que os dois ficaram á meza ao lado um do outro, e estava a pontos de explodir não sabia em que imprudencia, quando a D. Jesuina observou, com grande agouro, que eram treze pessoas á meza!

— E' verdade! confirmaram todos.

Clotilde, muito delicadamente, propoz que se levantava ella, e que ia para uma mesinha ao canto da casa, mas a sua proposta não foi acceite, e o primo, pondo-se em pé, declarou que não consentia em tal.

— A prima! por modo nenhum! Eu é que vou para a mesinha.

— Pois n'esse caso não vae só, eu vou tambem, continuou Clotilde, muito gentilmente.

— Era o que faltava, a dona da casa retirar-se da mesa, accudiu o velho Pires, como que para sustar a tempestade que adivinhava nos olhos de Alfredo. Eu é que me levanto, e acompanhando as palavras com o movimento, pôz-se em pé.

Mas o filho não consentiu, levantando-se da mesa, ao mesmo tempo que o general tambem se levantava e dizia:

— Não acredito n'estes enguiços, mas para acabarmos com isto, proponho que vá uma das minhas filhas para a mesinha como das pessoas mais novas que aqui estao.

A D. Eugenia, que vira levantar o doutor tocou logo no braço á Lóló para que fosse ella, do que resultou acharem-se os dois em frente um do outro para tomarem logar á mesma mesa.

— Oh! minha senhora, por quem é, de modo nenhum consinto...

— E eu tambem não consinto que fique aqui sósinho, disse muito delicadamente a Lóló, puxando uma cadeira para se sentar.

— V. Ex.ª confunde-me...

E o doutor desfazia-se em mesuras, primeiro que se instalasse, com a sua inesperada companhia, á mesinha redonda de pé de gallo.

— Ficam muito bem assim os dois, disse intencionalmente a D. Jeronyma.

Todos appoiaram o dito.

Alfredo respirou.

Clotilde ficára agora dando a direita ao general, que, deffinitivamente installado exclamou:

— Até que emfim entrou tudo em fórma. Pode começar a batalha.

— Com os patuleas? perguntou o velho Pires, ironicamente.

— Isso, isso, respondeu o general, atirando-se á sopa que fumegava deante d'elle, e, ao escaldar-se com a primeira colherada: «Safa que está quente, os patuleas não me escaldaram tanto...

— E' porque... eram... *pés frescos*, voltou o Pires, meio engasgado com o caldo a ferver.

— Ora ahi está. «Qual é mais guloso? o que assopra ou o que se escalda?» observou a D. Jeronyma, que tinha sempre d'estes ditos.

— O que se escalda... o que se escalda, minha senhora; accudiu o general, rindo e gorgolejando o caldo, que lhe ia queimando a guela.

— Eu penso que é o que sopra para saborear melhor, não parece a V. Ex.ª, disse o doutor para a Lóló.

— Sim, será. Pelo menos é o que tem mais paciencia, respondeu a Lóló com viveza, e continuou: o doutor não é apressado?

— Conforme... voltou elle, fitando melhor a sua companheira, cujos olhos pretos, de expressão viva, fascinante, o impressionavam fortemente. Agora, por exemplo, não tenho pressa nenhuma que o jantar acabe, accrescentou com intenção, que a Lóló fingiu não perceber, respondendo-lhe:

— Gosta então muito de comer?

— Em tão boa companhia, certamente...

— Mas de vagar, não é assim, para fazer boa digestão, continuou a Lóló, fazendo-se desentendida.

E elle então mais á queima roupa.

— Sim de vagar, ainda que V. Ex.ª me faz correr o tempo veloz, em sua companhia.

A Lóló rindo e corando muito, disfarçou, dizendo:

— Sou então um passatempo para o doutor.

— Até á eternidade, affirmou elle abrindo quanto podia os seus olhinhos piscos.

— Olhe que d'aqui á eternidade ainda deve ir muito tempo... está tão novo... observou a Lóló rindo, rindo.

O doutor, lisonjeado, cofiava a barba com os seus dedos roliços, e até, muito distrahido, não se servira a si nem á sua companhia de uns fritos que vieram depois da sopa.

Emquanto os mais comiam, elles conversavam.

O general, que não tirava os olhos da mesinha de pé de gallo, notara a conversa dos dois e as risadas da filha, pelo que observou á mulher, que estava á sua esquerda:

— A pequena atira-se; já reparaste? Faz fogo vivo.

— Era um bom partido, era, respondeu a sr.ª D. Anna, com interesse.

Clotilde reparando que o primo e a Lóló não comiam, intimou o criadinho a que os fosse servir e, dirigindo-se aos dois:

— Bem queria eu ir para ahi. Nem o primo nem a Lóló comem nada.

— Eu é que me não servi, prima. Não reparei...

— Como está distrahido!... accudiu a D. Jeronyma rindo e sublinhando as palavras.

O marido de Clotilde aproveitou muito intencionalmente o dito, e accrescentou com ironia:

— O doutor distrahe-se muito...

— Nem sempre, primo, nem sempre, respondeu elle um tanto compromettido e para se desculpar. E' que a sopa estava muito quente e levei mais tempo a comer...

— Eu que o diga, auxiliou o general, como que para o soccorrer.

Mas o velho Pires e que percebeu tudo e comsigo foi dizendo: «Que tal está o rapaz. Sae-me um D. Juan em vez de um causidico.

— Estava muito quente, estava, concordou a D. Jeronyma, e dirigindo-se a Clotilde: para a outra vez manda servir a sopa fria, e com tal intenção o disse, que todos deram a rir, até o marido de Clotilde que se comprazia com a troça ao doutor, sem que a tia suspeitasse que lhe estava sendo instrumento d'aquella vingançasinha.

Um grito da D. Jesuina chamou para ella as attenções. O rapazito improvisado criado de meza deixara-lhe cahir sobre o vestido uma porção de molho de borrachos com ervilhas.

— Lá me estragou o vestido de seda, clamava a D. Jesuina. Você é um desastrado.

— Isso tira-se com benzina, consolou o general, que era grande consumidor.

— Ou com pastilha, accrescentou a sr.ª D. Anna.

E a mãe de Clotilde, em pé, com grandes ralhos ao rapasito que assim a enxovalhava, ia, sujando os guardanapos a limpar a saia de seda côr de castanha por onde escorria o molho gordurento.

— Um vestido estragado. Ora não ha! repetia.

— Tire-lhe um panno, minha senhora, tire-lhe um panno, lembrava a D. Jeronyma.

— Qual?... N'estas saias enesgadas não se póde tirar. Isso é bom para as rodadas do tempo dos Affonsinos, tornou a D. Jesuina, aproveitando o ensejo para a picuinha.

Mas a D. Jeronyma, percebendo a intenção, accudiu promptamente dirigindo-se ao criadito que estava ainda ajudando a limpar o vestido á D. Jesuina.

— Olha rapaz, se entornares mais algum prato, antes aqui na minha saia, que tem sete pannos.

Todos acharam muita graça ao dito, excepto a sogra de Alfredo.

Clotilde, aproveitando o incidente, levantara-se da mesa e fôra ao primo segredar-lhe qualquer coisa, a que elle respondeu affirmativamente meneando a cabeça. Quando voltou deu com os olhos no marido, que a fitava severo e reprehensivo.

Ella não se atemorisou e alegre foi rindo com os mais que commentavam os sete pannos da saia da D. Jeronyma.

Só o tio Pires, de atalaia, não lhe escapava nada, e viu imminente a tempestade.

(Continúa). *Caetano Alberto*

O MEZ METEOROLOGICO

Setembro 1903

Barometro: Altura maxima 770^m,5 em 15
» » minima 751,4 em 20
Thermometro Altura maxima 29,°5 em 10
» « minima 12,°8 em 14

Se exceptuarmos os dias 1 (max: 27,°5), 9 (28,°4), 10 e 17 (26,°6), o mez foi de temperaturas sempre abaixo da normal não excedendo o thermometro em 19 e 20 respectivamente, 18,°5 e 17,°1, o que é pouco frequente.

As minimas foram egualmente baixas, á excepção do dia 1 (min: 20,°7).

Ventos.— *NE* em 1; *SW* em 2; *N* em 3 e 4; *SW* em 4; *NW* até 15; *N* de 16 a 18; *SE* de 19 a 23; *N* em 24; *W* em 25; *NE* em 26, e *SW* até 30.

Chuvas: Em 1 (0,^{m}1), 2 (2,^{m}0), 18 (3,^{m}0), 19 (43,^{m}9), 20 (10,^{m}5), 23 (0,^{m}8), 26 (0,^{m}1), 28 (0,^{m}1), 29 (2,^{m}2) e 30 (0,^{m}3).

Foi dos setembros mais chuvosos.

Ceu Bom tempo, 13 dias
» Nublado, 16 dias
» Encoberto, 1 dia
Halo ao sol em 18.
Relampagos em 19.
Nevoeiro em 26.

NECROLOGIA

DR. PEREIRA CALDAS

Victimado por uma lesão cardiaca, que o prostrou repentinamente, falleceu no dia 19 de Setembro, findo, em Braga, o illustre decano dos professores do lyceu n'aquella cidade sr. dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas.

Leccionava a cadeira de mathematica do referido lyceu, era conhecedor como poucos de diversos assumptos scientificos, critico, historiador, naturalista e poeta, estando em relação activa com os escriptores estrangeiros mais celebres, que por diversas vezes consultavam a sua vasta sciencia e erudição.

A archeologia mereceu-lhe sempre especial attenção e simpathia, tendo feito alguns estudos interessantes que muito o honram.

O dr. Pereira Caldas nasceu na freguezia de S. Miguel das Caldas de Vizella, em 26 de janeiro de 1818.

Frequentou a Universidade de Coimbra, para onde entrou aos 17 annos, sendo alumno laureado nas faculdades de mathematica, philosophia e medicina.

Foi nomeado professor para o lyceu de Braga por decreto de 26 de julho de 1845, tendo servido antes d'isso no lyceu de Leiria.

Liberal convicto e dos mais avançados militou sob as bandeiras da junta do Porto entre 1846 e 1847, commandando o batalhão de voluntarios de Guimarães.

Finda a lucta civil fez opposição aberta a todos os ministerios, sendo por essa razão suspenso do exercicio do professorado e transferido para o lyceu de Leiria despacho que se negou a cumprir.

DR. PEREIRA CALDAS
FALLECIDO EM 19 DE SETEMBRO DE 1903

O duque de Saldanha, quando subiu ao poder em abril de 1851, reintegrou-o no exercicio do encargo onde se conservou até á data do seu fallecimento.

O extincto professor, não obstante a sua avançada idade, não quiz nunca requerer a aposentação. Trabalhou sempre e ainda ha pouco a sua occupação predilecta era passar o dia compulsando os livros da valiosa e vasta bibliotheca, que era o seu unico thesouro.

Possuia os diplomas de socio honorario da Academia de Bellas Artes de Lisboa e da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, de socio correspondente da Academia Real das Sciencias, da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, da Sociedade de Geographia, do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, do Instituto de Coimbra, da Associação Industrial do Porto, da Sociedade Anthropologica de Madrid, do Instituto medico de Valencia, do Instituto Archeologico de Roma, do Gabinete Litterario do Rio de Janeiro, da Sociedade Pharmaceutica da mesma cidade, do Gabinete Litterario do Pará, de membro do Congresso dos Orientalistas de Londres e do Congresso dos Americanos de Luxemburgo, de socio honorario da Sociedade Martins Sarmento e da Sociedade Democratica Recreativa de Braga, de membro da commissão dos monumentos nacionaes e de antigo socio correspondente da extincta Academia Lisbonense de Sciencias e Lettras.

Além d'estas distincções ganhas pelo seu trabalho e estudo o Dr. Pereira Caldas nenhumas outras possuia por que, como republicano, nunca as acceitára dos governos.